

SALMAN RUSHDIE

Luka e o Fogo da Vida

Tradução

José Rubens Siqueira



Copyright © 2010 by Salman Rushdie

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

A letra que Urso, o cão, canta para os deuses nas pp. 165-6 é uma adaptação de “My sweet Lord”, de George Harrison.

Título original

Luka and the Fire of Life

Capa

Victor Burton

Preparação

Cacilda Guerra

Revisão

Huendel Viana

Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Rushdie, Salman

Luka e o Fogo da Vida / Salman Rushdie ; tradução José
Rubens Siqueira. — São Paulo : Companhia das Letras, 2010.

Título original: Luka and the Fire of Life.

ISBN 978-85-359-1716-1

1. Ficção indiana (inglês) 1. Título.

10-06508

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção indiana em inglês 823

[2010]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

*Mágicas terras em qualquer direção,
Internas, externas, debaixo do chão.
Lá, mundos de espelho sempre existirão.
As suas histórias revelam esta verdade:
Nada, só amor faz da magia realidade.*

1. A coisa horrível que aconteceu na linda noite estrelada

Era uma vez, na cidade de Kahani, na terra de Alefbay, um menino chamado Luka que tinha dois bichos de estimação, um urso chamado Cão e um cão chamado Urso, o que quer dizer que cada vez que ele chamava “Cão!” o urso se empinava bem amigo nas pernas traseiras, e quando ele gritava “Urso!” o cão ia ao encontro dele, balançando o rabo. Cão, o urso marrom, podia ser meio bruto e urso às vezes, mas era um bom dançarino, capaz de ficar em pé nas patas traseiras e dançar a valsa, a polca, a rumba, o *wah-watusi* e o tuíste, além de danças mais chegadas à sua terra, o ritmo da *bhangra*, os giros da *ghumar* (para a qual ele usava uma saia rodada cheia de espelhos), as danças guerreiras conhecidas como *spaw* e *thang-ta*, e a dança do pavão do sul. Urso, o cão, era um labrador cor de chocolate e um bom cachorro, amigo, embora às vezes um pouco nervoso e agitado; ele não sabia dançar nada, tinha, como diz o ditado, quatro pés esquerdos, mas para compensar esse desajeitamento tinha o dom da afinação perfeita, então era capaz de cantar mais alto que uma tempestade, de uivar as melodias das músicas mais populares do

momento, e nunca desafinava. Urso, o cão, e Cão, o urso, depressa se transformaram em muito mais que bichos de estimação para Luka. Viraram seus aliados mais próximos e mais leais protetores, tão ferozes em sua defesa que ninguém nem sonhava em mexer com Luka quando eles estavam por perto, nem o seu horrendo colega de classe Merdarato, cujo comportamento geralmente era descontrolado.

Foi da seguinte maneira que Luka veio a ter companheiros tão especiais. Um belo dia, quando tinha doze anos, o circo veio à cidade — e não um circo qualquer, mas o próprio GRIF, ou Grandes Ringues de Fogo; o circo mais famoso de toda Alefbay, “apresentando a Famosa e Incrível Ilusão do Fogo”. De modo que Luka logo ficou amargamente decepcionado quando seu pai, o contador de histórias Rashid Khalifa, lhe disse que não iriam ao espetáculo. “Maus-tratos de animais”, Rashid explicou. “O GRIF pode ter tido os seus dias de glória, mas hoje em dia caiu em desgraça.” Rashid contou a Luka que a Leoa tinha dentes cariados, que a Tigresa era cega, que os Elefantes morriam de fome e que o resto da trupe do circo era simplesmente miserável. O Mestre de Cerimônias dos Grandes Ringues de Fogo era o terrível e enorme Capitão Aag, conhecido como o Grão-Mestre Flama. Os animais tinham tanto medo do estalo do seu chicote que a Leoa com dor de dente e a Tigresa cega continuavam a saltar pelos aros e a se fingir de mortas e os Elefantes magrelos ainda faziam Pirâmides Paquidermes só por medo da raiva dele, porque Aag era um homem de raiva fácil e riso difícil. E mesmo quando punha sua cabeça de fumante de charuto na boca aberta da Leoa, ela morria de medo de morder porque ele podia resolver matá-la por dentro da sua barriga.

Rashid estava levando Luka para casa depois da escola, usando como sempre uma de suas vistosas camisas coloridas (essa era vermelhona) e seu querido e surrado chapéu-panamá, ouvindo a

história que Luka tinha para contar sobre aquele dia. Luka havia esquecido o nome da ponta da América do Sul e escrevera “Havaí” na prova de geografia. Mas lembrara o nome do primeiro presidente do seu país e havia escrito o seu nome direitinho na prova de história. Na hora dos jogos, Merdarato tinha lhe dado uma porrada na cabeça com o taco de hóquei. Mas Luka havia marcado dois gols na partida e derrotado o time do seu inimigo. Tinha também, finalmente, pegado o jeito de estalar os dedos direito, e agora conseguia um barulho bem satisfatório. De forma que havia ganhos e perdas. Um dia nada mau, no fim das contas; mas estava para se transformar num dia muito importante mesmo, porque foi o dia em que viram o desfile do circo a caminho de erguer sua Grande Lona à margem do poderoso Silsila. O Silsila era o rio largo, lerdo, feio, com água cor de lama que atravessava a cidade, não longe da casa deles. A visão das caca-tuas cabisbaixas e dos camelos mal-humorados passando pela rua tocou o jovem coração generoso de Luka. Mas o mais triste de tudo, ele achou, era a jaula com o cachorro tristonho e o urso melancólico que olhavam aflitos para todo lado. Encerrando a cavalgada, vinha o Capitão Aag com seus duros olhos pretos de pirata e sua arrepiada barba de bárbaro. De repente, Luka ficou com muita raiva (e ele era um menino de riso fácil e raiva difícil). Quando o Grão-Mestre Flama estava bem na frente dele, Luka gritou a plenos pulmões: “Que as suas feras parem de obedecer às suas ordens e que os seus ringues de fogo engulam sua tenda idiota”.

Ora, acontece que o momento em que Luka gritou sua raiva foi um daqueles raros instantes em que, por algum inexplicável acidente, todos os ruídos do universo silenciam ao mesmo tempo, os carros param de buzinar, as motonetas param de pipocar, os pássaros param de cantar nas árvores e todo mundo para de falar ao mesmo tempo, e nesse mágico silêncio a voz de Luka soou

tão clara como um tiro e suas palavras se expandiram até encher todo o céu e talvez tenham encontrado seu rumo à morada invisível dos Fados, que, segundo algumas pessoas, governam o mundo. O Capitão Aag se encolheu como se alguém tivesse lhe dado uma bofetada e ficou olhando bem nos olhos de Luka, fuzilando-o com um olhar de tamanho ódio que o menino quase caiu no chão. Depois o mundo começou a fazer sua barulheira outra vez, o desfile do circo continuou e Luka e Rashid foram para casa jantar. Mas as palavras de Luka ainda estavam lá no ar, trabalhando em segredo.

Nessa noite, o noticiário da TV disse que, numa virada surpreendente, os animais do circo GRIF tinham todos se recusado a trabalhar. Num circo lotado e para surpresa, tanto dos palhaços vestidos a caráter como dos espectadores de roupas comuns, eles se rebelaram contra seu domador num desafio sem precedentes. O Grão-Mestre Flama se pôs no ringue central dos três Grandes Ringues de Fogo, berrando ordens e estalando o chicote, mas quando viu que os animais começavam a andar devagar e com toda a calma na sua direção, no mesmo passo, como se fossem um exército, fechando-se em cima dele de todos os lados até formarem um círculo animal de raiva, seus nervos não aguentaram e ele caiu de joelhos, chorando, gemendo, implorando pela vida. O público começou a vaiar, atirava frutas e almofadas, e depois objetos mais duros, pedras, por exemplo, e nozes e listas telefônicas. Aag virou e fugiu. Os animais abriram alas, e ele foi embora correndo, chorando como um bebê.

Essa foi a primeira coisa incrível. A segunda aconteceu mais tarde, nessa mesma noite. Por volta da meia-noite começou um barulho, um barulho como o crepitar e estalar de um bilhão de folhas de outono, ou talvez até mesmo um bilhão de bilhões, um barulho que se espalhou desde a Grande Lona na margem do Silsila até o quarto de Luka e o acordou. Quando ele olhou pela

janela do quarto, viu que a grande tenda estava pegando fogo, brilhando ao queimar no campo à margem do rio. Os Grandes Ringues de Fogo estavam incendiados, e não era uma ilusão.

A maldição de Luka tinha funcionado.

A terceira coisa incrível aconteceu na manhã seguinte. Um cachorro com uma etiqueta na coleira que dizia URSO e um urso com uma etiqueta na coleira que dizia CÃO apareceram na porta de Luka — e depois Luka se perguntaria como exatamente eles tinham conseguido chegar até lá —, e Cão, o urso, começou a girar e a dançar entusiasmado enquanto Urso, o cão, uivava uma melodia para sapateado. Luka e seu pai, Rashid Khalifa, a mãe dele, Soraya, e seu irmão mais velho, Haroun, foram para a porta da casa, assistir, enquanto a vizinha, srta. Onita, gritava da varanda: “Tomem cuidado! Quando bichos começam a cantar e dançar, é sinal de que alguma bruxaria está a caminho!”. Mas Soraya Khalifa deu risada. “Os bichos estão comemorando a liberdade”, ela disse. Então Rashid fez uma cara séria e contou para sua mulher sobre a maldição de Luka. “Me parece”, ele opinou, “que se alguém fez alguma bruxaria foi o nosso jovem Luka, e essas boas criaturas vieram agradecer a ele.”

Os outros animais do circo escaparam para a Selva e nunca mais foram vistos, mas estava claro que o cachorro e o urso tinham vindo para ficar. Eles até trouxeram os seus próprios lanches. O urso com um balde de peixes e o cão com um casaquinho com o bolso cheio de ossos. “Por que não, afinal?”, Rashid disse alegremente. “Será uma boa ajuda para quando eu contar minhas histórias. Nada como um número de canto e dança com um cão e um urso para chamar a atenção do público.” Assim ficou resolvido, e mais tarde, no mesmo dia, foi o irmão de Luka, Haroun, quem deu a última palavra. “Eu sabia que logo ia acontecer”, ele disse. “Você chegou a uma idade em que as pessoas desta família atravessam uma fronteira e entram no mundo mágico. É a sua

vez de ter uma aventura — é, sim, chegou a hora afinal! — e parece que você já começou alguma coisa. Mas cuidado. Amaldiçoar é um poder perigoso. Eu nunca consegui fazer nada assim, tipo, tão *dark*.”

“Uma aventura só minha”, Luka pensou, deslumbrado, e seu irmão mais velho sorriu, porque sabia perfeitamente bem do Ciúme Secreto de Luka, que na verdade Não Era Segredo Nenhum. Quando Haroun estava com a idade de Luka, tinha viajado para a segunda Lua da Terra, ficando amigo de peixes que falavam em rima e de um jardineiro feito de raízes de lótus, e ajudado a depor o pérfido Mestre do Culto Khattam-Shud, que estava tentando destruir o próprio Mar de Histórias. Comparando, as maiores aventuras de Luka até agora tinham acontecido durante a Grande Guerra do Playground na escola, na qual ele havia liderado seu bando, o Time dos Pinguins Intergalácticos, a uma famosa vitória contra o Exército da Alteza Imperial liderado por seu odiado rival Adi Merdarato, também conhecido como Gostosão, ganhando o dia com um ousado ataque aéreo composto por aviões de papel carregados com pó de mico. Tinha sido extremamente satisfatório ver Merdarato pular no tanque do playground para acalmar a coceira que se espalhara por todo o seu corpo; mas Luka sabia que, comparado com o que Haroun tinha feito, isso não era lá grande coisa. Haroun, por sua vez, sabia do desejo de Luka de uma aventura real, de preferência que tivesse criaturas improváveis, viagens a outros planetas (ou pelo menos satélites) e PCD+P/EXS, ou Processos Complicados Demais para Explicar. Mas até então tinha sempre tentado desencorajar os desejos de Luka. “Cuidado com o que você deseja”, ele disse para Luka, que respondeu: “Para falar a verdade, essa foi de longe a coisa mais chata que você já disse”.

No geral, porém, os irmãos Haroun e Luka raras vezes brigavam e, de fato, se davam excepcionalmente bem. A diferença de

dezoito anos acabara sendo um bom lugar para enterrar todos os problemas que de vez em quando aparecem entre irmãos, todas aquelas pequenas irritações que fazem o irmão mais velho bater sem querer a cabeça do irmão mais novo numa parede de pedra ou colocar por engano um travesseiro em cima do rosto dele dormindo; ou convencê-lo de que é uma boa ideia encher os sapatos do cara grandão com conserva de manga doce e pegajosa, ou chamar a nova namorada do grandão pelo nome de outra namorada e fingir que foi na verdade só um engano infeliz. De forma que nada disso aconteceu. Em vez disso, Haroun ensinou muitas coisas úteis a seu irmão mais novo, *kickboxing*, por exemplo, e as regras do críquete, e qual música era legal e qual não era; e Luka adorava o irmão mais velho sem nenhum problema e achava que ele parecia um urso grande — um pouco como Cão, o urso, na verdade — ou talvez uma confortável montanha com a barba por fazer e um largo sorriso no alto.

Luka assombrou as pessoas pela primeira vez ao nascer, porque seu irmão, Haroun, já estava com dezoito anos quando sua mãe, Soraya, aos quarenta e um anos de idade, deu à luz um segundo belo menino. Seu marido, Rashid, ficou até sem fala, e assim, como sempre, encontrou palavras demais. Na ala do hospital em que estava Soraya, ele carregou o filho recém-nascido, aninhou-o delicadamente nos braços e o bombardeou com perguntas sem sentido. “Quem diria, hein? De onde você veio, malandro? Como chegou aqui? O que tem a dizer? Qual é o seu nome? O que vai ser quando crescer? O que você quer?” Tinha uma pergunta para Soraya também. “Na sua idade”, ele se deslumbrou, sacudindo a cabeça, que estava ficando careca. “O que significa uma maravilha destas?” Rashid tinha cinquenta anos quando Luka apareceu, mas naquele momento falava como qual-